



Urdimento

REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Atravessamentos sensíveis da obra *Corpo e(n)cena: ensaios urgentes*

Andrio Robert Lecheta

Para citar esta Resenha:

LECHETA, Andrio Robert. Atravessamentos sensíveis da obra *Corpo e(n)cena: ensaios urgentes*. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 43, abr. 2022.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573101432022e0801>



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)

Resenha da obra

GONÇALVES, Jean Carlos; AZEVEDO, Sonia Machado de; FERRACINI, Renato (Org.).
Corpo e(n)cena: ensaios urgentes. São Paulo: Hucitec, 2020, 236p.





Atravessamentos sensíveis da obra *Corpo e(n)cena: ensaios urgentes*¹

Andrio Robert Lecheta²

Resumo

Resenha do livro *Corpo e(n)cena: ensaios urgentes*, obra organizada por Jean Carlos Gonçalves, Sônia Machado de Azevedo e Renato Ferracini. Esta coletânea integra a Coleção LiCorEs: Linguagem, Corpo e Estética, apresentando 8 ensaios e um posfácio que se debruçam, através de olhares múltiplos, sobre as urgências e as relações do corpo e da cena na contemporaneidade.

Palavras-chaves: Corpo. Cena. Diálogo.

Sensitive crossings of the work *Body and(n) scene: urgent rehearsals*

Abstract

Review of the book *Corpo e(n)cena: ensaios urgentes*, work organized by Jean Carlos Gonçalves, Sônia Machado de Azevedo and Renato Ferracini. This collection is part of the LiCorEs: Language, Body and Aesthetics Collection, featuring 8 essays and an afterword that focus, through multiple perspectives, on the urgencies and relationships of the body and scene in contemporary times.

Keywords: Body. Scene. Dialogue.

Sensibles cruces de la obra *Cuerpo y (n) escena: ensayos urgentes*

Resumen

Reseña del libro *Corpo e(n) cena: ensaios urgentes*, obra organizada por Jean Carlos Gonçalves, Sônia Machado de Azevedo y Renato Ferracini. Esta colección forma parte de LiCorEs: Colección Lenguaje, Cuerpo y Estética, con 8 ensayos y un epílogo que se centran, a través de múltiples perspectivas, en las urgencias y relaciones del cuerpo y la escena en la época contemporánea.

Palabras clave: Cuerpo. Escena. Diálogo.

¹ Revisão ortográfica e gramatical da resenha foi realizada por Matheus Gonsalves das Neves - Letras - Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

² Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Educação pela UFPR.  andrio.robert@yahoo.com.br
 <https://orcid.org/0000-0002-2697-5645>
 <http://lattes.cnpq.br/9873353789561196>

Organizado por Jean Carlos Gonçalves, Sônia Machado de Azevedo e Renato Ferracini, o livro *Corpo e(n)cena: ensaios urgentes* nos apresenta olhares plurais acerca das relações entre corpo e cena. Com 8 ensaios e um posfácio, a obra convida o leitor a mergulhar em um emaranhado de sentidos a partir de vozes que se entrelaçam em tentativas de abarcar as urgências do tempo em que vivemos.

Estes textos são tentativas, assim como as que acontecem nos ensaios de dança ou de peças teatrais: correm-se riscos poéticos. E neles, o risco é visto como potência para a reflexão.

Os diversos olhares em diálogo partem de 11 autores que trazem para a obra os seus arcabouços teóricos, processos de formação e inquietações. Corpos de localizações diversas que pensam e pesquisam corpo, se construindo também enquanto corpo a partir de suas próprias investigações. Um fazer de si mesmo em plena contemplação de um outro diante de si.

No texto de introdução realizado pelos organizadores: “Corpo e(n) cena: o que é, mesmo, urgente?”, se destaca o atravessamento cronotópico de produção da obra: a pandemia de Covid-19. Faz-se necessário assinalar esse momento, pois, como a obra se debruça sobre uma noção de urgência, em um contexto pandêmico e de *lockdown*, os sentidos de urgência foram revirados. Isso fez com que a própria obra, em processo de construção nesse contexto, tivesse que se perguntar novamente: “O que é, mesmo, urgente?”.

Apesar de alguns textos terem sido produzidos no início da pandemia e outros em um período anterior, o seu impacto é inevitável nos corpos que leem tal obra e encontram, até mesmo nos textos produzidos antes, relações possíveis com o momento pandêmico. Assim como outros sentidos serão produzidos pelos corpos que lerão esse livro em um período em que a Covid-19 será apenas uma lembrança distante. Se a discussão é sobre corpo, importa para as reflexões da obra o corpo do leitor.

Assume-se que, apesar das discussões centrais não serem sobre os dilemas da quarentena, o tom das reflexões carrega nuances de desesperança e melancolia. Afinal, não há possibilidade de corpos que pesquisam e escrevem



sobre corpos anularem suas posições, sensações, percepções e emoções durante uma escrita que solicita uma sensibilidade desafiadora.

Através de um convite para a um processo de afetar-se, o primeiro ensaio “Pele, poro, pó ou rios de sangue desaguando em doces corações em meio à ventania. Somos. O começo de tudo ou o viver como poesia”, assinado por Sônia Machado de Azevedo, imerge o corpo do leitor em uma introdutória poética autoficcional, apresentando a infância da autora como o tempo de um corpo em que tudo, brincadeiras, mergulhos no rio e quedas do cipó, já era dança. Sua escrita científica-afetiva se atenta à urgência dos corpos em retornarem ao processo de sentir a vida pulsante em suas veias, se emocionarem e se perceberem vivos. Humanidade.

Este ensaio aponta as complexidades da convivência humana rasgada e enrijecida pelas redes sociais e pela violência, mas se propõe a pensar um “corpo mundo”, “corpo-muitos” ou “corpo imensidão”, rascunhando silhuetas de um lugar em que todo corpo é possível de criar a si, fazer-se e, talvez, a partir das experiências das artes da cena, se desembrutecer. A escrita nesse capítulo traz Laban para a conversa e desenha uma cartografia sensível que constrói uma travessia afetiva para se pensar a pluralidade dos corpos no mundo, na vida e na arte.

A partir de uma abordagem histórica do contexto político brasileiro, Luciana Mizutani e Renato Ferracini, no ensaio seguinte, “Arte de guerrilha”, pensam os corpos coletivizados poeticamente enquanto armas revolucionárias. Há uma intencional construção de relação entre o contexto político atual e o da ditadura militar, escancarando as similaridades através de obras artísticas produzidas em cada momento. Aponta-se que “a arte de guerrilha faz referência historicamente a algumas obras de alguns artistas durante a ditadura militar brasileira, contudo, são reconhecíveis estruturas análogas na contemporaneidade” (Mizutani; Ferracini, 2020, p.64). O ensaio conta com análises políticas e afetivas da obra *Girl with ballon*, de Banksy, e dos espetáculos *Esparro do Coletivo Dz6*, *Chicos, Chicos* da Escuela Metropolitana, de Arte Dramática Isidro Casanova, e *Internas*, da Universidad del Salvador. Espetáculos apresentados no FITUB – Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau em 2016. As reflexões aqui

produzem combustível de esperança, alinhando as 4 análises a uma construção de corpos, que, através de processos de resistência na arte, podem sonhar com possibilidades de fuga e de existência através de formas ainda por serem inventadas. Nesse ensaio se ouvem os ecos dos corpos desumanizados, que através da cena e da arte experimentam um processo de (re)humanização.

Em “CORPOS em Atuação: experiências inventadas em uma trajetória de existir”, Narciso Telles escancara que o seu ensaio está sendo produzido em contexto de isolamento social. Ele traz uma noção de corpo-carne e um corpo em atuação enquanto acontecimento, considerando que para escrever sobre essas experiências corporais, principalmente acerca da atuação, se faz necessário assumir que algo escapará. Uma perspectiva de efemeridade radical que habita o lugar do indizível na tentativa de escrita sobre um corpo em ação. Telles também ensaia sobre um corpo-documento, partindo de trabalhos que refletem sobre a ditadura militar, para pensar a construção de corpos em atuação a partir “das camadas de relatos documentais presentes em cena: da atuação, dos objetos e do material textual, instaurando um acontecimento cênico no qual o tempo histórico e o tempo presente encontram-se articulados” (Telles, 2020, p.99). Aqui também se escancara a vulnerabilidade e o risco no processo criativo do ator.

Outros dois ensaios apresentam uma relação temática ainda mais próxima entre si: “A aula de teatro em espaços de privação de liberdade – reflexões sobre o corpo de docentes e aprendizes”, de Vicente Concilio, e “O corpo no cárcere: experiências com o teatro e o budismo na floresta amazônica”, de Annie Martins e Vanja Poty Sandes Gomes Menezes. Na obra, esses textos não estão em sequência, mas essa aproximação se realiza aqui para reflexões acerca de suas abordagens. Nas duas perspectivas se refletem os complexos e paradoxais sentidos de uma experiência de liberdade em contextos institucionais de cárcere.

No primeiro ensaio, do Concílio, se vê uma experiência mais conflituosa com e entre esses corpos disciplinados que experimentam processos de coerção, manipulação e controle. Mas também há uma atenção ao corpo docente que, adentrando aos espaços prisionais para a realização das oficinas de teatro, sofre os efeitos desse ambiente, produzindo estranhamentos e processos internos de conflito no sujeito, além dos institucionais. No segundo ensaio, de Martins e

Menezes, a localização geográfica dos corpos em experiência teatral conduz o corpo do leitor para o interior de uma prisão dentro da Floresta Amazônica. O recorte de gênero, sendo as mulheres, também produz ainda mais faíscas nas reflexões devido aos processos de dominação que se atravessam a partir disso.

Nesse texto, os sentidos de liberdade e a percepção de cárcere se aprofundam. Pois, assim como a experiência teatral, que nesse ambiente é compreendida como um dispositivo humanizador em um espaço desumanizante, o impacto de corpos amazônicos sendo impedidos de estabelecer relações afetivas com a mata intensifica ainda mais as marcas institucionais de corpos em situação de privação de liberdade.

Já Cristiane Wosniak ensaia nessa obra, em “Corpo, dança e memória sob a perspectiva da linguagem audiovisual”, um corpo dançante no contexto do documentário biográfico contemporâneo. Partindo de duas obras sobre Célia Gouvêa: *Figuras da Dança* (2011) e *Buracos no Céu* (2012), sua abordagem constrói reflexões sobre o corpo e(m) dança, pensando o “artista da dança/corpo real e referente – atravessado continuamente pela ficção cinematográfica” (Wosniak, 2020, p.140). A partir disso, delineiam-se tentativas de refletir esse corpo que “encarna sua história ao dançá-la” (Wosniak, 2020, p.144), se desdobrando em entendimentos sobre a noção de filme-performance, através de um discurso documental em que o corpo habita as fronteiras entre a narrativa biográfica e a ficção.

No ensaio seguinte, “Corpos aos pedaços: estética dos cacos corporais”, Gabriele Fregoneis traz novamente para o corpo do leitor a experiência do indizível. Ao se deparar com o trabalho de Romeo Castelucci como espectadora, o corpo de Fregoneis é revirado do avesso. Isso repercute em sua escrita enquanto corpo violentado pela visceralidade de um teatro imagético que traz à cena “um corpo aberto, inacabado, metamorfoseado... um corpo com orifícios que defecam, vomita, escarram, urinam, um corpo que se assemelha ao grotesco de Bakhtin” (Fregoneis, 2020, p.158).

Fregonois fala sobre o seu corpo a partir de outros corpos, assumindo os desafios de encontrar formas de representificação do que foi vivenciado através das peças que assistiu. Ela assume e ensaia uma escrita como um bisturi, produtora de cortes e rasgos que atravessam o corpo do leitor no momento em que ele entra em contato com os seus relatos e suas reflexões sobre os “corpos-figuras” de Castelucci. Há uma experiência intensa e desconcertante entre o corpo-espectador de Fregonois e os corpos-em-cena. E, a partir disso, emerge no texto uma tentativa de transferir fragmentos dessa vivência para o corpo do leitor. Uma complexidade no campo das artes da cena que, nesse ensaio, obtém sucesso.

Como último ensaio dos 8 propostos, Angelene Lazzareti oferece uma escrita sobre “Entre-corpos em acontecimento”. Neste capítulo, o corpo é concebido através da noção de entre. A partir da perspectiva teórica de Jean-Luc Nancy, Lazzareti compreende o corpo como aquilo que se pode ver (órgãos, músculos, ossos e etc.), aquilo que não se pode ver (pensamentos, sentimentos e sensações) e também o que está no seu campo perceptivo próximo. Portanto, “o corpo pode ser pensado, assim, como um pedaço do espaço do mundo, que compreende as suas camadas visíveis, invisíveis e as camadas referentes ao seu entorno” (Lazzaretti, 2020, p.195).

Há, no embasamento dessa reflexão, uma noção de que não é possível falar de um corpo isolado, mas de corpos em relação uns com os outros. Refletindo que a existência de um corpo se dá no espaço que há entre mim (um corpo) e o outro (outro corpo). O entre. Essa reflexão arremata as discussões que foram construídas afetivamente a partir de olhares sobre a potência dos corpos, as possibilidades de resistência e fuga, as várias cenas possíveis e a urgência de compreendermos radicalmente a nossa necessidade do outro para existirmos e resistirmos enquanto humanos.

O posfácio “O corpo que pesquisa corpo [Além do Rio Azul]”, de Jean Carlos Gonçalves, um dos organizadores da obra, mostra a latência e o desejo pela presença do outro em nosso corpo e em nossa escrita. Ao mesmo tempo em que há uma recusa por outras vozes teóricas no texto, se propondo a construir uma narrativa sem citar autores, vê-se a presença de outros corpos a partir do seu

corpo que necessita deste outro. Um corpo que narra cenas enquanto encena a vida e constrói a si mesmo no ato de existir.

Recorre-se neste posfácio ao corpo-família dos filhos e da companheira, ao corpo-afeto de Sônia, a primeira leitora do texto, ao corpo-teórico de Marília Amorim e Bakhtin, ao corpo-jornal de Maju Coutinho com as notícias da vacina, ao corpo-artista de Tony Ramos em *live*, ao corpo-livro através da obra *Há poder em suas palavras*, de Do Gosset, e ao corpo-música da canção *Além do Rio Azul*, que servia de trilha sonora para o autor embalar o soninho do seu filho em um contexto pandêmico.

Cenas cotidianas no palco da vida, atravessadas pela linha tênue entre realidade e ficção na qual os nossos corpos foram enfiados durante meses. Cenas nas janelinhas virtuais, nas câmeras ligadas, desligadas, *online* e *offline*.

Corpo. Corpo. Corpo. Em pleno isolamento, havia o tempo todo em cena, e sempre haverá a presença, a necessidade e a urgência do corpo. Do meu e do outro.

Referências

FREGONEIS, Gabriela. Corpos aos pedaços: estética dos cacos corporais. In: GONÇALVES, Jean Carlos; AZEVEDO, Sônia Machado de; FERRACINI, Renato (org.). *Corpo e(n)cena: ensaios urgentes*. São Paulo: Hucitec Editora. 2020, p.155-170.

LAZARRETI, Angelene. Entre-corpos em acontecimento. In: GONÇALVES, Jean Carlos; AZEVEDO, Sônia Machado de; FERRACINI, Renato (org.). *Corpo e(n)cena: ensaios urgentes*. São Paulo: Hucitec Editora. 2020, p.193-214.

MIZUTANI, Luciana; FERRACINI Renato. Arte de guerrilha. In: GONÇALVES, Jean Carlos; AZEVEDO, Sônia Machado de; FERRACINI, Renato (org.). *Corpo e(n)cena: ensaios urgentes*. São Paulo: Hucitec Editora. 2020, p.55-84.

TELLES, Narciso. CORPOS em Atuação: experiências inventadas em uma trajetória de existir. In: GONÇALVES, Jean Carlos; AZEVEDO, Sônia Machado de; FERRACINI, Renato (org.). *Corpo e(n)cena: ensaios urgentes*. São Paulo: Hucitec Editora. 2020, p.85-111.

WOSNIAK, Cristiane. Corpo, dança e memória sob a perspectiva da linguagem



audiovisual. In: GONÇALVES, Jean Carlos; AZEVEDO, Sônia Machado de; FERRACINI, Renato (org.). *Corpo e(n)cena: ensaios urgentes*. São Paulo: Hucitec Editora. 2020, p.137-154.

Recebido em: 05/01/2022

Aprovado em: 30/01/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br